

ENTRE BIBLIOTECAS E BOTICAS: A CONTROVÉRSIA DOS SIMPLES ENTRE AMATO LUSITANO E PIETRO ANDREA MATTIOLI, SÉCULO XVI

BRUNO MARTINS BOTO LEITE

European University Institute (EUI), Florença

1. No livro *Amato Lusitano – comentários à sua vida, obra e época*, o autor, Ricardo Jorge, ao narrar a vida do médico português João Rodrigues Castelo Branco, vulgarmente conhecido como Amato Lusitano (1511-1568), fazia menção a uma intensa controvérsia tida entre o médico português e o médico, natural de Siena, Pietro Andrea Mattioli (1501-1577). Segundo o autor da obra referida, o motivo da controvérsia apesar de se dar em torno do estudo dos *simples*, marcava o ódio de uma intelectualidade europeia contra os cristãos-novos, descendentes de judeus, e servia para caracterizar o intelectual português no interior desta categoria. As palavras de Ricardo Jorge¹ inclinavam a leitura da controvérsia Mattioli-Amato na direção de

¹ “Botânicos como Matiolo arremetem contra a sua diagnose dos simples. § Este iracundo simplicista, epileptizado pelas aliás moderadas críticas de Amato, desata numa convulsão de invectivas qual delas mais soez e grosseira. O seu *factum* contra Amato é uma das produções mais miseráveis da polémica sem caráter, da baixa agressão facinorosa. Late-lhe a cada passo a vaia de judeu relapso, inficionado de apostasia; ele não passava dum marrano imundo, da sua Pátria e de toda a parte afugentado. § Era o *odium scientificum* de gorra com o *odium theologicum*. Era a intolerância de crenças a sufocar a imparcialidade crítica e a acirrar os despiques da inveja ruim. Era um sinal dos tempos, e desgraçadamente de todos os tempos, até dos de hoje em que os homens e as ideias amiúde se contrastam por esse mesmo toque passional, tão falseador e tão mesquinho. [...] Nenhum talento escapa à moeda do desapareço, mas há homens a quem ela persegue fora das marcas, e Amato foi uma dessas vítimas de eleição”: Ricardo JORGE, *Amato Lusitano – Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1936, pp. 5-6. Esta exortação de Ricardo Jorge demonstra o quanto a leitura da controvérsia Mattioli-Amato foi lida num terreno semântico externo aos argumentos que a compuseram, notadamente aqueles ligados ao debate dos simples.

um endereço interpretativo fortemente marcado pela questão confessional, deixando pouquíssimo espaço para o estudo da contenda científica, donde não se tinha nenhuma explicação do conteúdo do debate.

Disto decorreu que pouco, ou mesmo pouquíssimo, tenha sido feito ou dito a respeito da análise científica da controvérsia em questão. Se o que impulsionava a controvérsia eram motivos confessionais, segundo a interpretação do referido autor, o estudo dos simples vinha posto num plano secundário, de pouco valor na caracterização do pensamento de Amato Lusitano. O que em momento algum é verdadeiro, como demonstraremos mais adiante.

O motivo *real* da controvérsia Amato-Mattioli se dava inteiramente no campo da interpretação e análise das informações sobre os simples contidas na obra do grego Dioscórides. No livro *Enarrationes in Dioscorides Anazarbei de medica materia libros quinque* (1553), Amato Lusitano propunha um comentário ao *De materia medica* usando uma lógica analítica bastante *sui generis*: Amato cruzava uma análise semântico-vocabular dos nomes das coisas referidas pelo médico grego com o conhecimento dos mesmos significados advindos da prática cotidiana e muitas vezes oral dos homens comuns e dos farmacêuticos das boticas. Amato cruzava uma lógica racional, semântica, com uma lógica empírica, fundada na observação diária dos boticários.

No cruzar destas lógicas, o médico português polemizava abertamente contra a interpretação puramente racional (filológico-vocabular) feita por Pietro Andrea Mattioli de alguns simples contidos no livro de Dioscórides. A crítica de Amato dirigia-se ao conteúdo do primeiro comentário de Mattioli publicado em italiano, o *Discorsi ne sei libri di Pedacio Dioscoride Anazarbeo della materia medica* publicado em 1544. Este havia sido traduzido em latim pelo próprio Mattioli em 1554 com o título *Commentarij in VI libros Pedacij Dioscoridis Anazarbei de medicamenta materia*.

Às críticas contidas nas *Enarrationes*, Mattioli respondia em 1558 com a publicação do pequeno opúsculo *Apologia adversus Amathum² lusitanum* em Veneza. Nesta resposta, Mattioli individuava as críticas de Amato, listando-as num total de 20 críticas e argumentava a sua invalidade. As “20 calúnias” de Amato eram o pontapé inicial da tensão.

Além disso, Pietro Andrea Mattioli somava 94 *Censurae* às calúnias de Amato coroando a sua resposta com uma crítica contundente ao comen-

² Note-se que a palavra *Amathum*, para designar Amato, possui um h de mais. Em latim, o nome de Amato Lusitano era traduzido por *Amatus Lusitanus*, como consta nos títulos de suas obras. A palavra usada por Mattioli era um neologismo de uma palavra grega, coisa muito usada entre os médicos da época, que significava *néscio*. Como dizia Maximiano Lemos: “Mattioli escreve sempre o nome do nosso compatriota Amatho. Não é um erro orthographico. Este inocente H acrescentado é uma subtil invenção, um gracejo de sábio, que é o homem mais gracioso que se conhece. Assim orthographado, o nome do nosso compatriota tem pretensões a derivar do grego e a significar sem sciencia”: Maximiano LEMOS, *Amato Lusitano, a sua vida e a sua obra*, Porto, Editora Tavares Martins, 1907, p. 151.

tário do português. Disto fica claro que se houve infâmias e calúnias contra a confissão e a fé de Amato, o motivo central da briga entre ele e Mattioli nunca fora este. Bem ao contrário, os ataques confessionais muitas vezes apareciam pela incapacidade de um dos participantes da contenda de lidar com os argumentos postos em mesa. Salientar o aspecto confessional da disputa é portanto não perceber os motivos reais que a conduziram e deixar de lado a importância dos argumentos de Amato Lusitano para cultura médica de sua época.

Como dissemos, a razão da disputa Amato-Mattioli se dava inteiramente no campo da interpretação e análise das informações sobre os simples contidas na obra do grego Dioscórides. A centralidade desta obra como sujeito de indagações e controvérsias é sinal de que no período em questão, o estudo dos simples partia do estudo sobre o tema que os antigos haviam empreendido, notadamente Dioscórides. Os livros eram as fontes a partir das quais os sábios buscavam entender a natureza. Assim, para se estudar e compreender os *simples*, os livros de Dioscórides, Teofrasto, Plínio e Galeno eram fontes incontornáveis de saber. Na época, a autoridade (*Auctoritas*) possuía grande peso argumentativo entre os intelectuais. O fato de um Galeno propor uma asserção aumentava muito o valor de tal asserção. A isto somava o fato daquela sociedade viver sob a égide de um livro escrito por Deus, cuja autoridade atestava o real.

A centralidade da Bíblia no mundo do saber da Europa daquela época fazia do livro, e de seus autores, entidades quase que divinas. Daí que o estudo e análise dos textos fosse o caminho de maior importância na fixação e, por outro lado, na destruição de definições aceitas por todos. O conhecimento dependia do estudo dos livros e do critério de autoridade.

Dioscórides representava portanto o autor mais autorizado para falar daquelas matérias. Assim, comentá-lo seria como revivê-lo pela pena de seus comentadores, ou melhor, seria como falar através de sua autoridade. Daí que os seus comentadores eram novas autoridades sobre o conhecimento dos simples. Falar através de Dioscórides era buscar para si a autoridade daquele autor. Dito isto, podemos dizer que estudar a história dos comentários à obra do grego equivaleria a estudar a própria história do estudo dos simples na época moderna.

2. O livro *De materia medica* do grego Pedáneo Dioscórides (aproximadamente 40-90 d.C.) era uma compilação de produtos de origem mineral, vegetal e animal de utilidade médica. Estes produtos eram chamados de *simples* por servirem remédio e também de ingrediente na receita de medicamentos *compostos*. Nesta obra, a organização do estudo das coisas naturais se dava integralmente na dependência do conhecimento médico.

Cada pedra, planta ou animal descrito era tido em consideração por apresentar alguma utilidade para a cura de doenças e preservação da saúde.

Todos os outros seres, animados ou inanimados, que não apresentassem utilidade oficial não constavam na pauta destes estudos.

No livro, os simples totalizavam o número de 725, dos quais 90 eram de origem mineral, 600 de origem vegetal e 35 de origem animal³.

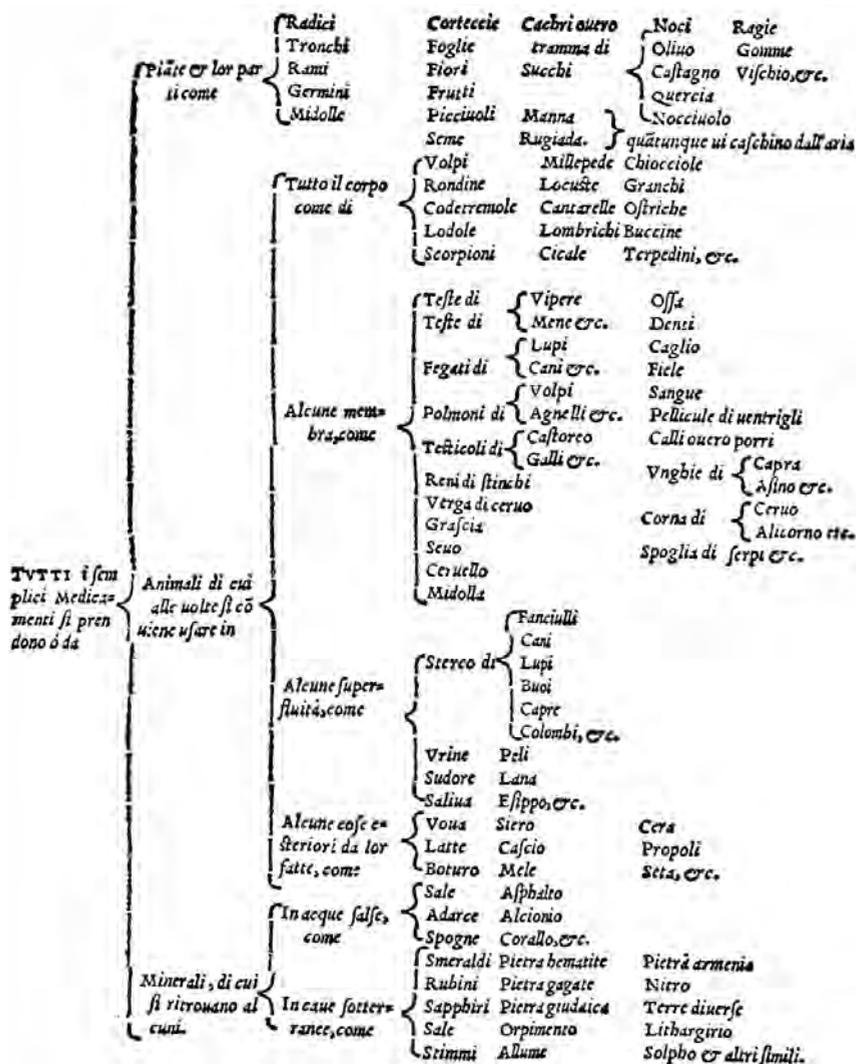


Fig. 1. Tabela esquemática com os tipos de simples existentes e sua origem.

(Apud Pier Andrea MATTHIOLI, *Discorsi*, 1544)

³ A grande quantidade de produtos oficiais de origem vegetal dava lugar, mesmo na época moderna, ao tratamento da ciência dos simples pelo termo *Botânica médica*. Contudo, a diversidade dos simples nos faz ver que a farmácia da época, como a farmacognosia de hoje, fundava-se no estudo de todos os elementos naturais, fossem eles minerais, vegetais ou animais.

Desses produtos contidos na obra do grego, 130 já se achavam mencionados nas obras de Hipócrates: como o famoso Heléboro, uma planta usada para curar a loucura daqueles tidos por loucos mas com graves consequências quando empregadas nos sãos, podendo levá-los, inversamente, à loucura⁴.

As informações sobre os simples eram dispostas desta forma: descrição dos simples, distribuição geográfica e usos medicinais. Isso compunha uma *historia* de cada pedra, planta e/ou animal analisada pelo grego que servia ao médico ou boticário. Disto ficava claro que o estudo dos simples era um conhecimento auxiliar do conhecimento médico, e a *história* de cada simples servia de modo a fornecer as informações necessárias aos médicos e farmacêuticos para a composição de sua farmacopéia.

Dioscórides havia estudado e descrito estes *simples* em base em três métodos de coleta de informação que ele próprio explicitava em sua obra. Esses três métodos se davam pela: (1) observação direta (*com os olhos*), (2) leitura de outros estudos (*pelas histórias não discordantes*) e (3) relatos (*pelo relato dos habitantes dos lugares onde nascem esses simples*).

Dioscórides compilou sua matéria médica em base nestes pressupostos lógicos. Contudo, ao chegar na época moderna, o segundo critério, *pelas histórias não discordantes*, sendo a base do argumento de autoridade, mostrou-se mais em vigor que os demais. Os outros critérios vinham esquecidos até que autores como Antônio Musa Brasavola & Amato Lusitano os ressuscitassem.

A ação destes simples se dava de três maneiras, segundo aquele conhecimento: os simples serviam para *purgar certos humores* (segundo a teoria humoral), para *agir sobre os lugares afetados* (segundo a teoria dos lugares afetados) e como antídotos (segundo a teoria da propriedade específica, empregada para interpretar a ação dos venenos e da peste)⁵.

⁴ A planta é mencionada nas *epistolae* hipocráticas, onde trata-se da cura da loucura de Demócrito por Hipócrates. Na viagem que Hipócrates faz à Abdera para observar a saúde de Demócrito, este leva consigo o Heléboro colhido pelo seu herborista de confiança, Cratevas. A carta 21 dessas *epistolae* é um tratado inteiramente dedicado ao uso do Heléboro. Cf. HIPÓCRATES, *Lettere sulla follia di Democrito*, organização e tradução de Amneris Roselli, Napoli, Liguori Editore, 1998; ID., *Sobre o riso e a loucura*, organização e tradução de Rogério de Campos, São Paulo, Hedra, 2011. Referi as duas edições do mesmo texto porque a edição italiana é uma edição integral das epístolas hipocráticas ao passo que a edição brasileira ateu-se somente à tradução das cartas 10-21 da obra. O total é de 24 epístolas.

⁵ Todas estas informações sobre a ciência de Dioscórides foram tiradas dos *Discorsi* de Pietro Andrea Mattioli. Primeira edição: Pietro Andrea MATTIOLI, *Libri cinque della historia, & materia medicinale tradotti in lingua volgare Italiana da M. Pietro Andrea Matthiolo Sanese Medico con amplissimi discorsi, et commenti, et dottissime annotationi et censure del medesimo interprete*, Veneza, Per de Bascarini, 1544. Nós utilizamos neste trabalho a edição de 1557 [*I Discorsi di Pietro Andrea Matthioli nei sei libri della materia medicinale*, Veneza, nella bottega d'Erasmus, appresso Vincenzo Valgrisi & Baldassar Costantini, 1557] por não termos à mão a primeira. As referências ao texto de Mattioli serão tiradas, todas elas, da edição de 1557. Estes *Discorsi*, primeiramente publicados em italiano, foram posteriormente traduzidos em língua latina: *Commentarij in libros sex Pedacij Dioscoridis Anazarbei, de materia medica*, Veneza, in

Era, por sua vez, da leitura dos relatos e descrições de Dioscórides⁶ que os médicos e boticários europeus, desde o período medieval e ao longo de todo o período moderno, retiravam o conhecimento da virtude medicinal dos produtos naturais. Estudar essas obras era adquirir o conhecimento dos medicamentos conhecidos até então. Contudo, da passagem dos nomes às coisas, muitas vezes atribuía-se nomes às coisas que não necessariamente Dioscórides havia atribuído.

Com a filologia árabe, um alto grau de empirismo foi adicionado à interpretação dos simples de Dioscórides. Os árabes se ativeram a todas as três formas epistemológicas do grego. Rhazis, Serapião, Avicena⁷ e outros em suas viagens no Oriente, não somente tentaram confrontar as informações do livro de Dioscórides com as coisas por eles encontradas mas também, muitas vezes, devido à lógica que se serviam, atribuía, erradamente ou não, nomes às coisas. Os filósofos árabes, além de se esforçarem para interpretar e comentar o *De Materia Medica*, adicionaram uma grande quantidade de novos simples por eles encontrados em terras do Oriente. Assim, o comentário árabe ao *De materia medica* superou o próprio tratado pela adição de novas informações.

3. Foi através dos árabes que os europeus tomaram contato com a cultura antiga, e foi por conta disso que se buscou elaborar novos métodos de análise textual, de modo a romper com o intermédio árabe da leitura dos antigos. O movimento humanista, nomeadamente aquele das cidades-estado de Florença e Veneza, marcado pelo retorno ao estudo das letras latinas e gregas, e marcou, no estudo dos simples, um empreendimento de “expurgação” dos textos antigos da leitura árabe e de suas adições. Os humanistas com seu método filológico buscavam compreender a cultura grega diretamente do grego, sem o intermédio de Avicenas, Averróis, Rhasis e Serapiões. Este empreendimento marcava uma tentativa da parte da intelectualidade europeia de se ver livre do domínio cultural árabe.

officina Erasmiana, apud Vincentium Valgrisius, 1554. Estudos sobre Pietro Andrea Mattioli: Giuseppe FABIANI, *Vita di Pietro Andrea Mattioli raccolta dalle sue opere da un accademico rozzo di Siena*, s.l., s.n., 1740; Sara FERRI e Francesca VANNOZZI (org.), *I giardini dei semplici e gli orti botanici della Toscana*, Florença, Giunta Regionale Toscana, 1993; Sara FERRI, *Pietro Andrea Mattioli: Siena, 1501 – Trento, 1578: la vita, le opere: con l'identificazione delle piante*, Ponte San Giovanni, Quattroemme, 1997.

⁶ Assim como dos relatos e descrições de medicamentos em obras de Hipócrates (diversas obras), Plínio (*Naturalis Historiae*), Galeno (*De simplicibus*) e Teofrasto (*De historia plantarum*).

⁷ Os árabes basearam suas interpretações na tradução direta do grego para o árabe feita pelo monge bizantino Nicolás no século X com o auxílio de uma antiga tradução incompleta feita por Estêvão, filho de Basílio em 861. A história conta que o imperador bizantino Constantino VII Porfirogênitos enviara uma embaixada à corte do califa Abd ar-Rahmân III de Córdoba (891-961) em 949. Entre os presentes dedicados ao soberano havia um exemplar da *Materia Medica* escrito em grego. Este exemplar, a pedido do califa, fora traduzido pelo monge bizantino Nicolás, enviado pelo imperador, com a ajuda de médicos andaluzes (o judeu Hasdai Ibn Shaprut (915-970) e Ibn Yūlyūl).

Assim, um grande empreendimento filológico se deu de maneira a verter, diretamente do texto grego e não mais do árabe, a obra de Dioscórides para o latim. Buscava-se ler os textos antigos da forma mais original possível, o que, se por um lado permitiu o desenvolvimento de um método filológico eficaz, por outro, jogou fora aportes importantes feitos pela tradição muçulmana. Isto contudo deu-se de maneira heterogênea, como veremos quando da análise da controvérsia.

A primeira edição latina do *De materia medica* havia sido feita por Pietro Padovano e publicada em 1478 em Colle Val d'Elsa⁸. Depois desta edição, muitas outras vieram a lume em toda a Europa, sendo as mais consagradas aquelas de Marcello Virgilio (vulgarmente conhecido como o *secretário florentino*), Hermolao Barbaro, Jean Ruel (Ruellius), Jacob Sylvius, Antônio Musa Brasavola, Leonhard Fuchs, Iohannes Agricola e aquelas de Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli⁹.

⁸ Pietro PADOVANO, *Dioscorides de materia medica, a Petro Paduano traductus*, Colle Val d'Elsa, per Johannem Allemannum de Medemblick, 1478.

⁹ Uma pequena lista (incompleta) das edições latinas (em língua vulgar e em grego) de Dioscórides (somente das edições feitas entre o século XV e o XVII) serve de amostra do quanto esforço se fez no empreendimento de corrigir as informações contidas naquele tratado:

- 1478 – primeira edição de Dioscórides em latim (Pietro Padovano – Colle Val d'Elsa).
- 1499 – primeira edição grega de Aldo Manúcio, Veneza.
- 1504 – famosa edição de Aldo Manúcio, Veneza.
- 1506 – edição latina de Marcello Virgilio Adriano, Florença.
- 1516 – tradução latina de Hermolao Barbaro, Veneza.
- 1516 – edição de Jean Ruel (Ruellius), Paris.
- 1518 – edição grega de G. Roscio.
- 1519 – edição greco-latina de Marcello Virgilio Adriano, Colônia, por Sotero.
- 1526 – segunda edição do comentário de Jean Ruel, *apud Cynthium Achillinum*.
- 1529 – edição grega de G. Cornaro, Basiléia, por Babelio.
- 1529 – edição conjunta, unindo os comentários de Ruel, Barbaro & Marcello Virgilio, Argentorati, *Apud Io. Schortum*.
- 1536 – índice ao conteúdo da obra de Dioscórides de Amato Lusitano (*Index Dioscoridis*), publicado na Antuérpia.
- 1537 – publicação do livro de Antônio Musa Brasavola, *Examen omnium simplicium, quorum in officinis est* em Lyon.
- 1538 – edição italiana do comentário de Ruel, Veneza, por Benedicto Textorio.
- 1542 – primeira tradução italiana de Sebastiano Fausto da Longiano, Veneza.
- 1544 – primeira edição da tradução italiana (toscano – feita sobre a edição aldina) de Pier Andrea Mattioli.
- 1548 – segunda edição dos *Discorsi* de Mattioli, Valgrisi (comentário ao sexto livro de Dioscórides sobre os venenos)
- 1549 – edição greco-latina de G. Goupil, Paris.
- 1550 – terceira edição dos *Discorsi* de Dioscórides de Mattioli.
- 1553 – edição do comentário a Dioscórides de Amato (*In Dioscorides de medica materia libros quinque enarrationes eruditissima.*), com largas críticas a Mattioli, Veneza (sem ilustrações).
- 1554 – reedição do comentário de Amato, com largas críticas a Mattioli, Veneza.
- 1554 – edição latina dos *Discorsi* de Mattioli, os *Commentarii*.

Os comentários de Amato Lusitano e de Pietro Andrea Mattioli fazem parte da história da crítica humanista aos textos da Antiguidade e representam a diversidade e pluralidade de leituras possíveis da cultura antiga pelos intelectuais europeus. A controvérsia existente entre os dois autores nos mostra que o empreendimento humanista, aquele de interpretação dos textos antigos, se deu de forma bastante heterogênea, não apresentando uma única proposta interpretativa. A controvérsia entre Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli é um testemunho da diversidade de vozes e partidos existentes entre os médicos e filólogos daquela época.

4. Em 1544, Pietro Andrea Mattioli publicava os seus *Discorsi nei sei libri della Materia Medicinale di Pedacio Dioscoride Anazarbeo* em Veneza. Nesses ‘discursos’ Mattioli reeditava o livro de Dioscórides com um comentário a cada simples. Assim, a estrutura do texto se dava desta forma: as descrições pontuais de Dioscórides eram postas em italiano e na sequência da descrição de cada um dos simples, Mattioli fazia um comentário, servindo-se de outras descrições de outros autores, dando ao texto do grego uma direção diversa e um detalhamento maior. Além disso, Mattioli adicionava ao texto diversas imagens ilustrativas de alguns simples¹⁰. De todos os simples estudados pelo sienense, somente vinte foram motivo de crítica da parte de Amato.

Neste estudo iremos analisar somente três dos vinte simples debatidos pelos dois autores. Para isso, descreveremos neste ponto certas informações do comentário original de Dioscórides para, em base nisto, observar como Mattioli, e depois Amato, interpretaram e adicionaram novas informações ao comentário original. Os simples aqui estudados serão o *Calamo Odorato* (cálamo aromático), o *Hippocampo* e o *Elleboro* (Heléboro). Nós os escolhemos pelo fato dos três nos permitirem traçar uma diferença básica na lógica de cada um desses intelectuais estudarem e compreenderem o estudo dos simples e pelo fato destes exemplos nos capacitarem a observar os motivos reais da controvérsia e, no caso do Heléboro, nos permitirem observar como

-
- 1557 – segunda edição do comentário de Amato, com largas críticas a Mattioli, Veneza, *ex officina Iordani Zileti* (sem ilustrações); Quarta edição dos *Discorsi* de Mattioli.
 - 1558 – reedição da edição latina de Mattioli com anexo *Adversus Amathum lusitanum*.
 - 1558 – terceira edição do comentário de Amato, com largas críticas a Mattioli (com ilustrações), Lyon, *Apud Viduam Balthazaris Arnoleti*.
 - 1563 – quarta edição dos *Discorsi* de Mattioli, Veneza, *Appresso Vincenzo Valgrisi*.
 - 1568 – *editio princeps* do comentário de Mattioli, Valgrisi & Veneza (ampliada e com muitas belas ilustrações).
 - 1598 – edição greco-latina de G. A. Saraceno, Frankfurt, por Wechel.
 - 1598 – edição dos *Commentarii* de Mattioli.

¹⁰ O próprio Mattioli dizia que estas imagens tinham uma função ilustrativa, e nunca descritiva, que o bom *simplista* tinha de ler os textos e observar as plantas, uma a uma, ao vivo, em base nas descrições.



Fig. 2. Frontispício da primeira edição dos *Discorsi* de Pietro Andrea Matthioli, Veneza, 1544.

de uma controvérsia científica a contenda transbordava-se para uma questão confessional.

No ponto sobre o *Calamo Odorato*, Dioscórides dizia que o melhor tipo de cálamo, aquele avermelhado, nascia na Índia e que quando bebido provocava a urina e se cozido com semente de gramínea ou de ápio era usado para combater a *Hidropisia*, doenças dos rins, destilações da urina e rupturas. Além disso, o grego salientava que bebido ou aplicado em determinadas partes, o cálamo provocava a menstruação. Dioscórides destacava outros usos que não convém enumerar aqui.

A esta descrição do grego, Mattioli comentava que o Cálamo, como o Junco, segundo Teofrasto, nascia no monte Líbano, num pequeno vale entre este monte e um outro montículo. Dizia ele que entre esses montes havia um lago que se expandia criando paludes e que quando estes secavam, ali nasciam os cálamos e os juncos. O italiano acrescentava, baseando-se também em Teofrasto, que o odor do cálamo podia ser sentido no lugar onde este crescia.

Mattioli dizia que, segundo Plínio o velho, o cálamo que nascia na Arábia era também comum à Índia, o que corroborava as asserções de Dioscórides com aquelas de Teofrasto, pondo todos os autores antigos em concórdia. O que marcava a diferença entre o cálamo e o junco para ele era o cheiro, que no cálamo seria mais forte e se faria sentir de longe, e a sua consistência, sendo o cálamo mais frágil que o junco. As raízes do cálamo, quando quebradas, quebravam-se em *ripas* (*stecche*). Dizia que na concavidade do talo do cálamo havia uma coisa chamada *flor* que se parecia com uma teia de aranha. Todos esses detalhes Mattioli dizia tirar de Plínio o velho.

O comentário de Mattioli era inteiramente marcado por uma forte intertextualidade onde todos os argumentos eram tirados de textos de diversos autores antigos e postos em concórdia. A fonte principal das análises do sienense era o texto. E a forma mais importante de argumentação era aquela da *Auctoritas* (Autoridade). O *livro do mundo* era lido pelos olhos de Mattioli através de outros leitores, pelos textos que ficaram como prova destes estudos.

Continuando no comentário do italiano, ele fazia uma grande crítica ao médico Antônio Musa Brasavola¹¹, para quem o verdadeiro cálamo era uma raiz que assim se chamava nas boticas. Este médico de Ferrara argumentava esta alternativa em base na experiência advinda das boticas de sua cidade.

Mattioli dizia ser o cálamo uma espécie de junco ou cana, diferente das raízes que se encontravam nas boticas europeias, que Brasavola e Fuchs acreditavam ser o cálamo mas, segundo o italiano, nada mais era do que a raiz do Açoro. O que ele provava pela morfologia das duas plantas: a raiz do cálamo se parte em *ripas* o que não acontecia com a raiz do Açoro nem com aquelas raízes que se encontravam nas boticas. Além disso ele salientava as diferenças existentes entre os dois simples pela qualidade de cada uma das plantas: baseando-se nas análises de Galeno, Mattioli dizia que a raiz do cálamo não era amarga, ao passo que a do Açoro o era, exatamente como aquela das boticas. A razão de suas observações era integralmente dependente da opinião dos autores médicos dos textos antigos. Dioscórides, Plínio, Teofrasto e Galeno eram os guias privilegiados de Mattioli.

¹¹ Antônio Musa Brasavola (1500-1554) era um médico de Ferrara largamente lido e citado pelos médicos portugueses. Rodrigo da Fonseca, Amato Lusitano e outros citam abundantemente as suas obras. O seu livro sobre os simples era o: *Examen Omnium Simplicium, quorum in officinis est*, Lyon, sub scuto Coloniensi, apud Ioannem et Franciscum Frellaeos, fratres, 1537. A estratégia narrativa empregada na sua escrita era o diálogo: o livro é um dialogo entre Brasavola, um velho boticário (*senex pharmacopola*), e um herborista (*herbarius*). É bem possível que o uso da forma dialógica em Garcia de Orta tenha advindo da influência das obras de Brasavola em seu pensamento. Este italiano é pouquíssimo estudado e o desconhecimento de sua importância para a cultura portuguesa decorre desta omissão. Nas páginas seguintes veremos a importância que ele possui para o pensamento de Amato Lusitano.

Sobre o *Hippocampo*, Dioscórides assinalava que o “hippocampo é um pequeno animal marinho de cujas cinzas amassadas, misturadas com piche líquido ou gordura, ou ainda com unguento amaracino, faz renascer os cabelos que caíram”. Além disso, pouquíssima, ou nenhuma, descrição era feita acerca do animal, o que levava os naturalistas a conjecturarem que o hippocampo pudesse ser diferentes tipos de animais. Isto colocava um enorme problema para aqueles naturalistas, que, como Mattioli, eram fortemente dependentes dos textos e de suas descrições.

Mattioli resolvia o problema desta forma: ele propunha duas alternativas semânticas possíveis para descrever o animalzinho, todas elas baseadas em análises etimológicas do nome do animal tiradas de outros textos e outros autores antigos.

Na primeira, o italiano dizia não faltar entre os autores antigos e modernos quem dissesse ser o *hippocampo* um gênero de lagosta marinha com muitas virtudes medicinais. Essa semântica era obtida por Mattioli a partir de uma leitura muito específica, e tortuosa, do significado do nome *hippocampo*: ele dizia que muitos afirmavam que o animal tomava seu nome das lagartas que pastavam as ervas nas hortas e no campo, o qual era chamado *Campe* pelos gregos. Donde se conjecturava que o hippocampo tivesse a forma semelhante à das lagartas.

A partícula *hippo*, nessa interpretação, significava grande, segundo o autor. Esta asserção era tirada da análise das palavras gregas *hippolapatho*, *hippomarathro* e *hipposelino*. Esse adjetivo, segundo o autor, não caracterizava o animal em absoluto, visto que ele era tido por ser pequeno se comparado aos outros animais do mar, mas porque ele era grande em comparação com as tais lagartas que pastavam as hortas. Daí que Mattioli propunha que o *hippocampo* poderia ser um gênero de lagosta, visto que, segundo ele, o corpo delas possuía forma semelhante ao das lagartas, e usava para isso a autoridade de Plínio, quem no seu livro XXXII, cap. II, das *Naturalis Historiae* afirmava também ser o hippocampo um gênero de lagosta.

Por outro lado, a segunda interpretação dada pelo sienense dizia ser o hippocampo um peixinho, chamado pelos pescadores italianos de *draghetto* ou Cavallo Marinho. Nesta etimologia, as partículas do nome hippocampo ganhavam significados completamente distintos. A partícula *hippo* era interpretada como Cavallo, e não como *grande*, e a partícula *campe* como contorcido, curvado ou flexuoso. Donde hippocampo significaria *cavallo flexuoso*, fazendo clara alusão ao pequeno peixe hodiernamente conhecido como cavalo marinho. O médico italiano tinha dificuldade em aceitar essa interpretação pelo fato de não achar, nas obras dos antigos, menção clara à esta acepção. A única coisa que encontrara era uma descrição de Plínio dos mármores de Praxíteles nos quais se via esculpida uma criatura monstruosa, com cabeça de cavalo e cauda de serpente, que era apelidada pelo romano de hippocampo.

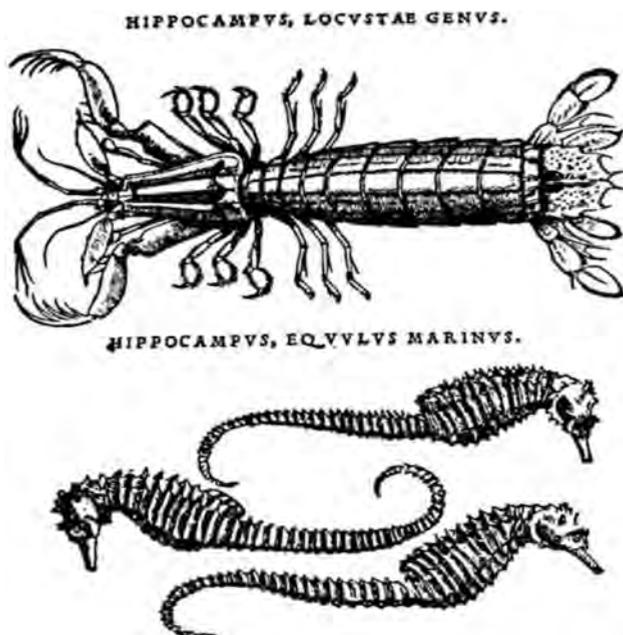


Fig. 3. Ilustração das duas alternativas ao Hippocampo de Mattioli (tirada dos *Commentarii* de 1554).

A ausência de descrições precisas deixava o italiano, e muitos outros simplistas, sem conclusões fixas, aceitando portanto as duas alternativas como possíveis, como podemos ver pela existência de duas ilustrações usadas para caracterizar o hippocampo: a de uma lagosta e a dos peixes. Além disso, quanto aos usos do animal, o italiano adicionava ao seu texto informações tiradas do *De simplicibus* de Galeno onde era dito, no livro XI, que o pó do hippocampo, misturado com unguento amaracino, piche líquida ou gordura de porco, fazia crescer os cabelos caídos e que este possuía faculdade secativa e dissolutiva, corroborando as informações de Dioscórides.

Finalmente, o terceiro simples escolhido, o Heléboro (branco e negro), era, ao contrário do hippocampo, fartamente descrito. Dioscórides falava das diferenças entre o heléboro branco e o negro e dizia ser o último também chamado de *Melampodio*. Isto porque, narrava o grego, Melampo, um pastor de cabras, havia sido o primeiro a purgar com esta planta e a curar as filhas de Preto que haviam se tornado *furiosas* (loucas). Como já dissemos no início, o heléboro era uma planta estreitamente vinculada à loucura (*moria*) e à sua cura, podendo também ser a sua causa, se usada em pessoas sãs. Além disso, na descrição do heléboro, Dioscórides adicionava que as flores da planta eram brancas com um leve tom púrpura e que o heléboro negro purgava o estômago e dissolvia os humores da cólera e do fleuma: sendo administrado sozinho, com escamônea (*scammonea*) e três *oboli*, ou com

três dracmas de sal. O heléboro curava o mal caduco (epilepsia), os malincônicos, aqueles que enlouquecem, as dores das juntas e os paralíticos. Sobre as mulheres, o heléboro provocava a menstruação e o aborto nas grávidas. Plantado junto às raízes das vinhas, permitia a produção do *vinho purgativo*.

Pietro Andrea Mattioli, por sua vez, também descrevia abundantemente o heléboro. Segundo ele o heléboro, em geral, era conhecidíssimo na Itália e o heléboro negro, em particular, possuía três variedades: uma de flores púrpuras, como dizia Dioscórides, uma de flores brancas e uma terceira de flores esverdeadas. Duas dessas variedades, a de flores brancas e a de flores esverdeadas, representavam adições feitas pelos outros comentaristas de Dioscórides ao conteúdo do *De materia medica*. Essas diferenças nas formas (variedade), segundo ele, transpareciam também nas virtudes de cada uma das plantas.

O médico sienense havia dito ter testado os três tipos de plantas, sendo somente aquela cuja flor possuía a coloração púrpura que detinha características oficinais. A variedade púrpura era, para ele, a mais eficaz¹². Com uma infusão das flores desta variedade, Mattioli se vangloriava de ter curado febres quartãs. Contudo, dizia também ter usado a de flores brancas em um melancólico adquirindo bons resultados.

A descrição prosseguia: todas as variedades do heléboro negro floresciam nos meses de Março e Abril em uma grande floresta que ficava entre Gorizia e Lubiana, cidade de Carniola. As raízes daquela variedade de flores púrpuras são mais escuras e carnosas do que as das outras variedades, que são mais claras e finas. A forma das folhas é a mesma em todos os três tipos. Segundo ele, o heléboro negro matava os bois, os cavalos e os porcos e, ao contrário, o branco não surtia efeito algum. Mattioli dizia que alguns achavam que a variedade de flores esverdeadas do heléboro negro não era o heléboro, mas a Columela, chamada *Consiligine* por Plínio.

Isto se dava, segundo ele, em base no fato de que as virtudes das duas plantas, columela e heléboro, eram muito semelhantes. Contudo, não havia descrições precisas da consiligine ou columela, o que implicava num problema para a adoção de uma tal interpretação. Além do que, Mattioli criticava abertamente o ato de nomear as plantas pelas suas virtudes, deixando claro a sua adoção à uma filosofia da linguagem bem peculiar. Ele sustentava que os simples deveriam ser nomeados por suas características e não por seus usos.

Com isso, Mattioli criticava a interpretação de Ugo Solério¹³ que dizia serem as variedades púrpura e branca do heléboro negro espécies de Acônito. E que a terceira variedade, a esverdeada, seria a consiligine ou

¹² “*Imo che quelle di quello Elleboro, che fa il fiori porporeggiante, come migliori, & piu valorose, fanno molto piu presto l'effeto, come piu, & piu volte ho veduto io sperimentare*”: P. A. MATTIOLI, *Discorsi...*, cit., p. 554.

¹³ Hugo de Soleriis.

columela. Solério defendia isso baseando-se em uma interpretação de Dioscórides onde se dizia que as raízes do heléboro eram bulbosas como as da cebola e que quando estas eram separadas da planta, os vapores provenientes da quebra do vegetal geravam dores de cabeça. O que, segundo Solério, não ocorria com as plantas da variedade esverdeada, donde ele concluía não serem elas o heléboro, mas sim a columela.

Mattioli refutava isso mostrando a incongruência de Solério com os textos antigos sobre o tema¹⁴, distinguindo o acônito do heléboro pelas suas virtudes, ao contrário do que havia pregado anteriormente. Sobre o uso de cada um dos heléboros, o médico atacava o obscurantismo que, segundo ele, gerara Mesué¹⁵ nos médicos de seu tempo ao afirmar que o heléboro branco seria como veneno e não deveria ser usado na medicina e que o negro somente deveria ser empregado em pó nos corpos robustos e fortes pela sua intensidade.

Mattioli defendia, como já dissemos, que a infusão do heléboro negro, e não somente o pó, era útil nas febres quartãs em qualquer tipo de constituição física. O pó, ao contrário, como já foi tirado das ideias de Mesué, somente deveria ser ministrado àqueles de robusta constituição física.

Como o leitor pode constatar, esse conhecimento se dava em torno de uma prática exaustiva de definições conceituais baseadas em vastas descrições que traziam muitos detalhes e pormenores. O debate acerca dos ingredientes officinais (*simples*) baseava-se num pensamento histórico e portanto bastante narrativo e descritivo. Nesta época, a taxonomia de Lineu, também ela baseada em descrições, ainda inexistia e a única coisa que era usada por esses homens para a compreensão destes elementos era a descrição exaustiva com informações sobre a forma, distribuição geográfica e os usos medicinais de cada *simples*. Se após Lineu, os naturalistas baseavam-se no nome científico de cada planta ou animal, nomes estes, por sua vez, calcados em descrições exaustivas, antes dele, os naturalistas baseavam-se diretamente, e somente, nas descrições.

Isto faz do estudo deste tema coisa bastante cansativa pela quantidade exaustiva de informações que se procura ter à mão e isolar na compreensão e na exposição do tema. Por isso tentamos nos ater sempre que possível às informações mais importantes à controvérsia, deixando de lado a exaustão descritiva característica daqueles sábios.

¹⁴ “*Il perché facilmente mi riduco à credere (se pero mi sia lecito dire quel ch'io ne giudico)* [isso mostra o apego de Mattioli às autoridades] *o che'l Solerio habbia qui corrotta la scrittura di Dioscoride, o che non l'habbia egli intesa, o che si sia fin'ora poco esercitato nell'historia, & facultà delle piante*”: P. A. MATTIOLI, *Discorsi...*, cit., p. 554.

¹⁵ Mesué (777-857) foi um médico assírio que escreveu e traduziu um grande número de obras para o árabe, tendo sido de grande importância no debate dos *simples*.

5. Em 1553, como já dissemos, Amato Lusitano publicava em Veneza seu comentário ao *De Materia Medica* de Dioscórides: o *Enarrationes in Dioscorides Anazarbei de medica materia libros quinque*. Neste comentário Amato defendia fortemente a posição de certos médicos europeus, como Antônio Musa Brasavola, e dos médicos árabes, como Mesué.

Na dedicatória da obra, oferecida ao senado de Ragusa, Amato pontuava alguns comentaristas da obra de Dioscórides elogiando enormemente Brasavola e destacava o comentário de Mattioli dos demais¹⁶. Nisto Amato já mostrava o interesse pela proposta de Brasavola e destacava a importância do sienense que depois seria tão criticado numa estratégia dissimulada segundo gosto da época.

Como o tratado de Dioscórides, as *Enarrationes* de Amato eram uma lista pontual, explicada e comentada dos simples expostos pelo grego. Ao contrário do sienense, o português não punha no texto os fragmentos da obra de Dioscórides: as suas *Enarrationes* eram simplesmente comentários aos simples feitos pelo português, exatamente como o grego havia feito os seus séculos antes. Assim, era como se ele acatasse os ensinamentos do grego mas não se colocasse na sua dependência. Era como se Amato repudiasse o argumento de autoridade tão caro a Mattioli e desse a si mesmo a autoria daquelas informações.

Como já dissemos, Amato descrevia aqueles simples já descritos por Dioscórides, atualizando-os para a sua época e criticava vinte asserções de Mattioli em torno do mesmo número de simples.

¹⁶ *Et ecce se mihi offerunt quaedam in Dioscoridem Anazarbaeum commentaria, quae annis ab hinc quindecim Antuerpiae ceperam, atque in primum, & secundum eius Autoris librum edideram: quae quum scirem permultos claros in medicina viros post illam meam editionem de ea etiam re locupletissime scripsisse: inter quos connumerantur, Ruellius Gallus, Brassavolus superius memoratus, Sylvius Parisiensis, Leonardus Fuchs Germanus, Iohannes Agricola Ammonius, & plerique alij, quorum eo tempore scripta nondum extabant. Supprimere utcunque decreveram: praetereò Matthiolum Senensem virum doctissimum: qui nuper Dioscoridem e Latino ethruscum reddidit, & illum commentariis illustravit: atque complures alios, qui ut rem medicam locupletent, quotidie multa eiusmodi moliuntur & edunt.* AMATO LUSITANO, *In Dioscorides Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae*, Veneza, Apud Gualterum Scotum, 1553, p. V. Amato Lusitano, antes de publicar as *Enarrationes*, havia publicado um índice da Obra de Dioscórides, o *Index Dioscorides*, Antuérpia, Vidua Martini Caesaris, 1536. As *Enarrationes* foram reeditadas 9 vezes: (1) Estrasburgo (Argentorati), apud Wendelinum Rihelium, 1554; (2) Idem, 1555; (3) Veneza, Apud Jordanum Zilletum, 1557; (4) Lyon, apud Guglielmum Rovillium, 1558; (5) Lyon, apud Balthazaris Arnoletti, 1558; (6) Lyon, apud Mathaeum Bonhome, 1558; (7) Lyon, apud Theobaldum Paganum, 1558; (8) Estrasburgo, apud Wendelinum Rihelium, 1565; (9) Veneza, Apud Jordanum Zilletum, 1577. Estudos sobre Amato Lusitano: A. J. Andrade de GOUVEIA, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985; R. JORGE, *Amato Lusitano...*, cit.; M. LEMOS, *Amato Lusitano...*, cit.; Diogo BARBOSA MACHADO, *Amato Lusitano*, in "Bibliotheca Lusitana", Tomo I, Lisboa, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, pp. 128-130.



Fig. 4. Frontispício da primeira edição do livro *Enarrationes* de Amato Lusitano.

Esses vinte simples eram o *Meum*, o *Amomum*, o *Aspalatho*, o *Unguento Sampsuchino*, o *Pinus*, o *Sativo Cucumere*, a *Artemisia*, o *Spargamio*, o *Trago*, o *Cirsio*, a *Iris*, o **Calamo odorato**, o *Helenio*, o *Iasmeno unguento*, o **Hippocampo**, o *Carpesio*, o *Symphito Petrao*, o *Sidente*, o *Minori Sedo* e o **Elleboro**.

Na sequência de nossa proposta, Amato Lusitano dava interpretações precisas acerca dos três simples analisados neste trabalho. Sobre o Cálamo aromático, Amato começava o seu comentário explicando, ao contrário de Mattioli, que, depois de longa investigação, o verdadeiro Cálamo aromático de Dioscórides era aquele em uso nas boticas, e que aqueles que associavam a raiz das boticas ao Açoro e não ao cálamo incorriam em erro¹⁷. O açoro era, para Amato, aquilo que se tinha nas boticas pela Galanga crassa.

¹⁷ "Ut post longam investigationem, firmiter asseverem, quod communis calamus aromaticus ab officinis receptus, verus calamus aromaticus Dioscoridis sit, quum omni ex parte inter se maxime conveniant: unde qui calamum istum aromaticum, Dioscoridis acorum esse autumarunt procul dubio errant, quum re vera communis habitus in officinis calamus aromaticus, verus calamus Dioscoridis & Graecorum sit": AMATO LUSITANO, *Enarrationes*, p. 31.

O Cálamo aromático, para ele como para Dioscórides, vinha da Índia, de onde os navegantes portugueses traziam-no de suas viagens¹⁸. Uma vez apresentada a sua descrição da planta, Amato criticava Mattioli por este se guiar excessivamente pelos ditames de outros autores e por ele seguir as interpretações de Teofrasto e Plínio. Visto que o ponto em discussão neste debate era a raiz que andava nas boticas, que Mattioli dizia não ser o cálamo e que Amato dizia sê-lo, ele dizia que estes autores, ao invés de descreverem a raiz da planta, descreviam, antes, a sua haste¹⁹. O que desautorizava por completo as fontes do italiano.

O comentário de Amato, como ele mesmo explicita, se inspirava naquele de Antônio Musa Brasavola do *Examen omnium simplicium*, publicado em 1537 em Lyon. A lógica de sua interpretação, como aquela do italiano em questão, se baseava quase que inteiramente numa observação direta dos simples, ou no testemunho daqueles que observaram os simples diretamente, dando um lugar secundário ao que vinha descrito nos textos dos antigos médicos. Isto se dava também no que tangia o uso dos simples, como veremos no caso do hipocampo. No caso do cálamo, Amato narrava os seus usos medicinais tais como foram expostos no *De simplicibus* de Galeno: o cálamo aromático, segundo ele, *aquece e seca na segunda ordem*²⁰.

Amato, seguindo Brasavola, defendia-o dos ataques de Mattioli, colocando-se contra uma lógica de autoridade e defendendo uma lógica de autoria menos dependente das autoridades textuais.

No caso do *Hippocampo*, o médico português sustentava uma única alternativa: para ele este animal era um pequeno ser com cabeça de cavalo, com o pescoço repleto de espinhos, e cauda quadrada, frágil e recurvada possível de ser frequentemente avistado no mar de Ancona. Animal que os

¹⁸ "At re vera, ut diximus galanga crassa Dioscoridis acorus est: calamus vero aromaticus officinis vulgaris, apud Dioscoridem calamus aromaticus est, quem ex India Lusitani nostri, singulis annis adferunt, veluti mercatores ex ipsa India per mare Rubrum in Chairum, & Alexandriam deferentes, Venetias portant, calamis similem, unde nomen accepit, odoratum, odore suavi, & aromatico album & subrussum, crebris geniculis, qui quum frangitur in assulas multas dissilit, fistulosus, araneolo illo albo plenus, nam quum manditur glutinosus cum quadam adstrictione subamara sentitur, ut facile iudicare debeamus, calamum odoratum vulgarem officinis, Graecorum esse odoratum calamum": *Ib.*, p. 31.

¹⁹ "ex Theophrasto probare contendit, qui libro 9. De Plantarum historia, capite 7. Calami tantum mentionem facit (...) haec Theophrastus: quibus Plinius quoque subscripsit, lib. 12. cap. 22. Per quae Matthiolus credidit, calamum aromaticum harundinem sive calamum, non vero radicem, esse debere: At mea sententia decipitur Mathiolus, quum, licet Theoprastus & Plinius, in calamo odorato calamum & non radicem desiderant, & eam caeteris partibus calami anteferunt, ut apud Plinium est legere libro 24. cap. 11. In quo, quum calami odorati iuvamenta enumerat, inquit: efficacissima autem in omni harundine, quae proxima radici; efficacia & genicula": *Ib.*, p. 32.

²⁰ Estes usos medicinais se enquadravam na prática médica baseada na teoria fisiológica proposta por Galeno, notadamente aquela humoral. As virtudes de cada medicamento, bem como a dosagem certa a ser aplicada para o grau de desequilíbrio humoral de cada paciente é explicado e detalhado na obra *De methodi medendi*. Um estudo compreensivo e explicativo (sintético) sobre o uso dos medicamentos no interior da teoria das qualidades e humores dos corpos ainda está para ser feito.

pescadores chamavam de dragão ou cavalo recurvado.²¹ Amato não deixava de atestar, como havia feito o sienense, que inexistia qualquer descrição precisa do animal. O que mostrava que apesar dele não expor o comentário de Dioscórides, ele ainda o tomava em consideração. O médico português não abraçava um empirismo puro, ele só alternava a lógica de sujeição às autoridades para uma lógica de autoria onde ele descrevia os simples diretamente de sua própria observação e não em base ao que já havia sido dito pelos autores antigos, cujas obras vinham marcadas por muitos erros e imprecisões.

Basta lembrar da importante querela filológica que havia ocorrido entre o médico humanista Nicolau Leonicensino (1428-1524), professor de Antônio Musa Brasavola, e outros médicos, sobre os erros de Plínio o velho. Leonicensino publicava em 1492 sua obra *De Plinii, & plurimum aliorum in medicina erroribus*²² que contestava as informações trazidas pelo autor e com isso a sua autoridade. Esses debates se situavam no interior da polêmica entre antigos e modernos que marcava a tomada de independência dos modernos da autoridade dos antigos. A obra abria uma brecha, que, como podemos ver, foi bem aproveitada por Amato Lusitano para criticar a certeza dos antigos. Neste debate, no plano do estudo dos simples, o grupo de Amato constituía-se como uma vanguarda.

Além disso, a interpretação de Amato Lusitano baseava-se numa etimologia precisa do nome grego do animal: ele sustentava que as partículas que compunham a palavra *Hippocampo*, *Hippon* + *Campus*, significavam, respectivamente, cavalo (*equo*) e recurvado ou flexuoso (*flectus*), donde afirmava que *hippocampo* queria dizer, em grego, cavalo flexuoso (*flexuosus equus*). O português adotava essa formulação etimológica (filológica) criticando a associação que Mattioli fazia entre a partícula *Hippo* e o adjetivo *grande*. Amato dizia que *hippon* significava *cavalo* em base no uso exemplar da palavra *Hippopotamus*, que literalmente significava *cavalo fluvial*. Ele não fazia sequer menção ao *hippocampo* tido como um gênero de lagosta e dava por inconsistente esta etimologia do italiano.

Com isso, o português corroborava a sua análise semântica com a adoção de uma filologia da língua grega mais precisa. Esta importância dada à etimologia mostra a complexidade do pensamento do português, que cruzava observações diretas com o estudo dos textos e língua dos antigos.

²¹ "Nusquam quod equidem notaverim frequentius hippocampus, quam in Anconitano flexuoso hoc mari cernitur, ubi piscatorem illum, draconem, alii vero equulum cicumflexum appellitant, pisciculus scilicet, subniger, equinum habens caput, oblungum & rotundum, collum vero latum multis clavatum ordinibus; nam cauda quadrata, subtilis, ac circumflexa in eo cernitur": AMATO LUSITANO, *Enarrationes*, p. 164.

²² Nicolau LEONICENSO, *De Plinii et aliorum in medicina erroribus*, Ferrara, per L. de Valentia: A. de Castronovo, 1492. Esta obra foi reeditada em 1509 com a cura do ex-aluno de Leonicensino, Ludovico Bonaccioli, conhecido por ter sido o médico pessoal de Lucrecia Borgia.

Finalmente, no caso do Hippocampo, além do exemplo empírico dos pescadores de Ancona, Amato referia-se também aos usos que do cavalo marinho faziam as mulheres daquele lugar. Segundo ele, elas serviam-se do pó de cavalo marinho misturado ao vinho para aumentar a produção de leite materno nas mulheres que tinham acabado de parir. Ele atestava este uso dizendo ele mesmo tê-lo avaliado com sucesso²³. Neste ponto, vemos que Amato negligenciava totalmente as informações dos livros dos médicos antigos e lançava mão dos usos feitos pelos homens comuns no seu dia a dia.

Por último, sobre o *Heléboro*, Amato Lusitano, como Mattioli, sustentava a existência de dois gêneros desta planta, o heléboro branco e o negro, e a existência de três variedades do negro, sendo estas a de flor púrpura, a de flor branca e a de flor amarelada (ao contrário do que dizia Mattioli, que falava de uma variedade de flor esverdeada). Também como Mattioli, ele afirmava que as variedades branca e *amarelada* eram menos potentes do que aquela púrpura. Amato dizia que as raízes dos dois gêneros, branco e negro, eram usadas na medicina tendo poucas diferenças entre elas.

No comentário a este simples, Amato, ao contrário do que fizera até então, distorcia as palavras do sienense, fazendo-lhe dizer coisas que não havia dito. Acatando a opinião de Mesué, de que o heléboro branco era perigoso e que o negro era menos, ele dizia que o italiano havia defendido que o heléboro negro era mais perigoso do que o branco, quando este nunca havia afirmado tal coisa. Para o italiano ambos eram úteis. Com isso, Amato plagiava ardilamente o uso do heléboro negro na cura da febre quartã que havia sido proposto por Mattioli e sustentava, em público, que essa *descoberta* havia sido feita por ele e não por Mattioli. Para não ficar aparente o seu plágio, Amato propunha, não uma infusão como o fazia o sienense, mas um preparado em forma de xarope, tirado do pó do heléboro negro colhido no inverno²⁴.

Outrossim, o médico português dizia, baseando-se em Galeno, que a codorna se alimenta do heléboro como o estorninho de cicuta, defendendo que alguns animais, através de seu calor inato, possuíam a propriedade de digerir certos tipos de venenos, o que colocava o heléboro na categoria do que na época era tido por veneno (*veneficum*). Ao contrário de Mattioli, Amato citava os escritos de Hipócrates sobre o uso do heléboro nos casos de loucura: notadamente o seu tratado do heléboro contido em suas *Epistolae*, já acima referidas. Amato mencionava também o uso que se fazia do xarope

²³ “Caeterum, mulieres Anconitanae, pisciculo isto in pulverem redacto, & vino excepto, pro lacte evocando in potu utuntur, ae ea vero quoque quae Dioscorides valere tradit, potentem esse, experimento compertum habeo”: AMATO LUSITANO, *Enarrationes*, pp. 164-165.

²⁴ “Solet tamen multis parari modis heleborus, quos ego nunc praetermitto, modo recitem id quod nonnullis factitatum iri animadverti: pomum enim accipiunt, quod multis hellebori nigri radicibus transfigunt, ac sub cineribus coquunt, a quo postea radicibus detractis, in hieme post longam syroporum propinationem, quartana rebellis affectis, comedendum tribuunt, quod valentissime purgat; & brevi omnes fere quartana, & morbis eradicatu difficillimis, vexati liberantur”: *Ib.*, p. 447.

do heléboro pelos boticários contra a Sífilis ou *Morbo Gallico*²⁵. Ele defendia o largo uso da planta e professava que Mattioli não fazia o mesmo, ainda que ele o tivesse feito.

Amato Lusitano dava enorme importância e preeminência ao saber dos homens vulgares e ao conhecimento elaborado nas boticas. Poderíamos afirmar que Amato era um empírico, sendo o empirismo um importante método que ganhava terreno na Europa da época. Mas o comportamento do médico não parecia basear-se unicamente na observação e na experiência em detrimento da razão, ou na simples e pura observação das coisas. O que fazia Amato era uma inversão de valores. Ele não invalidava o saber dos livros mas colocava-o em segundo plano. Em primeiro plano estava a observação direta e as narrativas dos homens confiáveis, como pregava o próprio Dioscórides numa época em que o livro não tinha tanta supremacia como chegou a ter na época cristã. Como dissemos, Amato punha abaixo a autoridade dos autores antigos como já havia feito o professor de Brasavola, Nicolau Leoniceno, pela crítica aos erros de Plínio. Mas porque Amato dava mais importância à observação e às histórias do vulgo em detrimento das informações contidas nos livros dos antigos? Além da explicação pela adoção da crítica de Leoniceno da parte de Amato, o seguinte *insight* do biógrafo de Amato, Ricardo Jorge, pode ser uma fonte importante de reflexão e de futuros estudos.

Ricardo Jorge, na obra supracitada, dizia que

Tem Amato a obsessão de luzir vocábulos portugueses como exemplos expressos de conservação de termos gregos e latinos. [...] A etimologia, no tempo de Amato e até largo período que chegou perto de nós, desmandava-se em derivações arbitrárias; a genealogia dos léxicos muito tarde assentou em princípios filológicos. [...] Ora o que Amato queria expressar era não o filelenismo dos portugueses, mas **a conservação originária das vozes gregas no seu idioma comum: não era o grego dos eruditos, mas o grego do falar do povo.** § Como prova dessa remanência dos termos gregos, cita Amato a expressão “ervilha fava” de que os portugueses se serviam, diz ele, para designar uma certa ervilha, o que no tempo de Galeno se chamava *phaseolus*. Ora que tem que ver o grego [ασιολό] *phasiolos* com a tal fava-ervilha ou ervilha-fava? O vocábulo transparece, sim, mas é através do latim *phaseolus* e *phaseolanus* que deu o português, feijão²⁶.

A parte as correções e precisões de Ricardo Jorge, o que importa aqui é a lógica de Amato. O que parece transparecer nestas palavras do autor é a importância no terreno epistemológico da adoção de uma filosofia da linguagem muito peculiar da parte de Amato. A *obsessão* de Amato colocava em primeiro plano não somente a observação direta das coisas, a empiria,

²⁵ “*Ex helleboro, syrupus hodie in nonnullis paratur officinis, qui contra morbum Gallicum difficilem & rebellem multum valet*”: *Ib.*, p. 448.

²⁶ R. JORGE, *Amato Lusitano...*, cit., pp. 208-209. O negrito é nosso.

mas o saber da gente comum, dos homens populares. As críticas feitas a Plínio pelo médico de Ferrara certamente haviam corroborado para que Amato tirasse os olhos dos livros e os colocasse no mundo. Amato parecia confundir, como havia feito séculos depois Benedetto Croce no que tangia a noção de Arte²⁷, o *bom senso* e o *senso comum*, na contramão de tudo que defendera neste século Gaston Bachelard²⁸. Amato via enorme sapiência no saber dos *miúdos*, ele parecia achar que o canal mais confiável para a compreensão do saber dos antigos era a língua falada nas ruas, como no século XX o brasileiro Luís da Câmara Cascudo havia feito nos seus estudos sobre cultura popular²⁹. Câmara Cascudo lia nos gestos os mais singelos de uma parteira do povo, o resquício de culturas advindas dos tempos os mais arcaicos, resquícios da cultura clássica dos gregos e latinos. Contudo, este argumento linguístico de Ricardo Jorge carece de estudos mais aprofundados.

O modo de entender o conhecimento por Amato revertia o modo de pensar de sua época, trazendo para o mundo fechado do pensamento puramente textual a riqueza do mundo aberto dos homens do dia a dia. Essa postura do português não era original, como já dissemos, ela se depreendia dos aportes culturais trazidos por Antônio Musa Brasavola e Nicolau Leoniceno ao mundo da cultura médica. Acreditamos também que esta lógica da autoria já estava embrionária na cultura transmitida pelos árabes que tantos humanistas, como Mattioli, tentavam pôr abaixo³⁰.

6. Depois da publicação das *Enarrationes*, passaram-se cinco anos até que Mattioli escrevesse e publicasse a sua *Apologia adversus Amatum Lusitanum*, publicada em Veneza em 1558. Nesta *Apologia*, Mattioli respondia, uma à uma, as críticas que Amato lhe havia feito sobre cada um dos doze simples. A estas críticas Mattioli chamava-as de calúnias (*Calumniae*),

²⁷ Croce, no livro *Breviário de Estética* define a noção de arte à partir do *senso comum*, para chegar ao *bom senso*, e finalmente, definir a arte pelas acepções lançadas pelo *senso comum*. O que equivale dizer, para Croce, como para Amato, que o bom senso deriva do *senso comum*. Benedetto CROCE, *Breviário de Estética*, Bari, Laterza, 1958.

²⁸ Gaston Bachelard, sustentou, no *Le matérialisme Rationnel*, que o conhecimento científico, ou o *bom senso*, era profundamente distinto daquele dos homens vulgares, o *senso comum*. Toda a noção de *Cité scientifique* bachelardiana se baseia nesse pressuposto inicial. Gaston BACHELARD, *Le matérialisme rationnel*, Paris, Vrin, 1953.

²⁹ Câmara Cascudo em muitas de suas análises sobre a cultura popular brasileira relacionava certos costumes populares aos costumes tidos entre os gregos e latinos da época clássica. Cf. Luís da CÂMARA CASCUDO, *Dicionário do folclore brasileiro*, Rio de Janeiro, INL, 1954; Id., *Superstições e costumes*, Rio de Janeiro, Ed. Antunes & Cia., 1958.

³⁰ Muitos estudos ainda devem ser feitos para que possamos compreender o conhecimento utilizado pelos médicos da época moderna. Enquanto privilegiarmos o estudo das *estrelas* da história da medicina, como Harvey e Vesálio, deixaremos passar despercebido a importância de diversos outros intelectuais cuja importância fora igual, ou mesmo maior, do que aqueles que a historiografia elegeu para serem os mais estudados.

por tomá-los como críticas a algo quase pessoal, e acrescentava censuras (*Censurae*) a 94 dos simples que o português havia comentado³¹.

Na resposta à crítica que Amato lhe fizera sobre o Cálamo aromático, a *Calumnia IV*, Mattioli se atinha aos seus argumentos filológicos baseados na *Auctoritas* dos autores antigos e dizia que aquela planta que se encontrava nas boticas europeias não era o cálamo aromático³². Para reafirmar esses argumentos, o sienense criticava o latim, certamente mais livre, que Amato utilizava, dizendo que isto o incapacitava, neste caso, de ter lido com precisão as palavras de Plínio. O argumento de Mattioli concentrava-se na asserção de Amato sobre o fato de não haver descrições acerca da raiz do cálamo. Mattioli mostrava, por A mais B, que, ao contrário, Plínio havia sim



Fig. 5. Frontispício da *Apologia adversus Amathum* de Mattioli, 1558.

³¹ É interessante notar que entre estes simples estava o *Phaseolus* em questão na interpretação da filologia de Amato por Ricardo Jorge.

³² “Arguit me, quod nexus Theophrasti, & Plinij testimonio certo affirmaverim radicem, qua passim Odorati Calami vice utuntur Seplasiae, legitimum, genuinumque esse Acorum”: Pier Andrea MATTHIOLI, *Apologia adversus Amathum Lusitanum*, Veneza, Ex officina Erasmiana, Vincentij Vlagrisij & Balthassar Costantini, 1558, s/p. [Este livro não possui paginação, por isso as citações não têm uma referência precisa. Contudo, basta procurá-las nas seções referentes aos simples discutidos].

descrito esta parte da planta, dizendo ser ela *geniculada*, o que a diferenciava daquelas que perambulavam pelas boticas europeias.

Outrossim, Mattioli dizia também que Amato não soubera ler o Dioscórides³³ nem o Galeno, deixando de lado informações cruciais para provar que aquelas raízes presentes não eram o cálamo: como o fato de Galeno dizer ser a raiz do cálamo amarga, quando aquelas das boticas não o eram³⁴.

Na segunda resposta analisada, a respeito da análise do *Hippocampo*, a *Calumnia X*, Mattioli, permanecendo sempre no campo textual, no campo da autoridade dos autores antigos, criticava a asserção adotada por Amato com base na afirmação de que, a única menção textual que permitia ligar o nome *hippocampo* à coisa *cavalo marinho* ou *draghetto* era a tal descrição dos mármores de Praxíteles por Plínio. Nesta descrição, o que estava em questão era uma criatura fantástica, metade cavalo metade serpente, que permitia ligar o nome à coisa. A ausência de descrições precisas do animal causava grande desconforto aos intelectuais que, como Mattioli, eram incumbidos da análise dos simples em base unicamente nas descrições textuais. E essa descrição, segundo o sienense, não permitia que se chegasse à uma conclusão firme como aquela a que chegara Amato.

Ele se descuidava do fato de que Amato se aproveitava da ausência de descrições para impor à sua análise não somente às suas leituras dos antigos textos, mas, sobretudo, sua experiência peregrina, de viajante que havia tudo avistado e analisado de perto e pelos relatos de outros que o haviam feito. Amato tomava em consideração não somente a observação direta do *livro do mundo*, mas também, o aviso daqueles que, diariamente, observavam os seus fenômenos, como pescadores e parteiras.

Por outro lado, apesar de criticar a atenção que Amato dava àquela asserção, ele mostrava que, ao contrário do que o português afirmava, que ele, pela ausência de descrições precisas, também adotara a possibilidade de ser o *hippocampo* o tal *draghetto* dos pescadores italianos. Contudo, dentro de uma lógica estritamente filológica e textual, defendia também que a possibilidade rejeitada por Amato, aquela do *hippocampo* ser um gênero de lagosta³⁵, também era plausível. Visto que, tanto o cavalo marinho quanto aquele gênero de lagosta posto em evidência por ele, possuíam o corpo flexuoso, o que dava mais suporte às alternativas que ele propunha.

É interessante notar que, apesar das respostas de Mattioli, as ilustrações do *hippocampo* em edições mais tardias dos *Discorsi* e dos *Commentarii* vinham alteradas. Se nas primeiras edições Mattioli deixava ver ao

³³ “Haec si animadvertisset Amathus, aut si non tam negligenter & oscitanter Dioscoridis codicem legisset, tam non fuisset insulsus”: *Ib.*

³⁴ “In sequentibus tamen & rationibus, & autoritatibus ostendemus, radices has legitimi esse Acori”: *Ib.*

³⁵ “quae de Hippocampo antea scripsimus, doctissimus Dioscoridis interpretes, et Graeci sermonis peritissimos secuti, quorum non desunt, qui afferant in Locustarum genere haberi Hippocampum”: *Ib.*

leitor as duas alternativas interpretativas sobre o animal, nas edições tardias a ilustração da lagosta flexuosa vinha subtraída. Talvez a interpretação de Amato tivesse tido um eco maior do que a crítica do sienense podia abafar e a solução do português tivesse se tornado a hegemônica e mais aceita entre os médicos. Aparentemente, Mattioli rendia-se, no fim das contas, à esta única interpretação.

É no último simples analisado, o Heléboro, *Calumnia XX*, que a contenda entre Pier Andrea Mattioli e Amato Lusitano tomava foros mais graves e passava de uma crítica estritamente científica para uma crítica confessional ou pessoal. O sienense afirmava que o português o acusara, falsamente, de tomar determinados posicionamentos que ele não havia tomado. Como já foi dito, Amato acusava Mattioli de sustentar a utilidade de apenas um dos gêneros de heléboro – no caso o branco –, quando ele sustentava a dos dois. Mattioli se defendia afirmando que nunca havia argumentado que o heléboro negro era menos útil que o branco, usando a autoridade de Plínio de escudo, dizendo ser em base nos ditames do romano que ele havia organizado seus argumentos. Em outras palavras, Mattioli dizia que quando Amato o atacava, o que ele fazia era atacar à Plínio o velho³⁶.

A defesa da autoridade de Plínio da parte de Mattioli, e seu ataque da parte de Amato, nos remetia mais uma vez para a controvérsia de Leonicensino. Aparentemente Mattioli não acatava os argumentos daquele médico de Ferrara. Com base na crítica à imperícia filológico-linguística de Amato, o sienense punha em evidência as “mentiras” do português e o seu plágio do uso do heléboro negro para a cura da febre quartã, que havia sido proposto pela primeira vez por ele próprio, como vemos da leitura dos *Discorsi*, através do uso da infusão deste heléboro.

A mentira e o plágio de Amato eram criticados por Mattioli num registro intelectual marcado por argumentos teológicos: a mentira e o plágio eram interpretados pelo médico como um pecado e uma atitude não cristã. A mentira e a *cegueira* de Amato vinham associadas por Mattioli aos costumes dos supersticiosos, em especial daqueles dos antigos adoradores da deusa frígia Cibele que possuíam o costume de oferecer em libação à deusa partes de seus corpos, notadamente as partes genitais, quando possuídos por um transe que, segundo Mattioli, os cegava. Uma cegueira da mente, e não dos olhos, precisava o italiano. Mattioli não acusava Amato de ser um adorador da deusa mãe, mas usava esta fortíssima imagem para excluí-lo da categoria dos cristãos e classificá-lo entre aqueles tidos por hereges, especialmente os seguidores das leis judaicas. Isto era sustentado por argumento de que Amato não possuía nenhuma piedade ou religião e que este se atinha demasiadamente aos argumentos médicos, deixando de lado a importância

³⁶ “*Quo fit, ut iniuria in me reiecerit Lusitanus, quae non nostrae, sed Plinianae sunt lectionis*”: *Ib.*

e os valores morais da fé³⁷. O argumento de autoridade sustentado pelo italiano achava a sua legitimidade no interior de uma cultura religiosa onde a autoridade do autor do livro de Deus era sumamente respeitada.

Dito isto, o que ficava claro da crítica de Mattioli era antes a irreligiosidade de Amato e a sua devoção ao conhecimento do que a sua adesão à qualquer gênero de confissão³⁸. A ira de Mattioli se jogava contra a mentira de Amato e ele só aparecia, aqui, como um judeu porque mentia. Esses ataques de Mattioli a Amato não comprovavam absolutamente nada a respeito da fé do português. A qual, ao contrário, parecia mais se aproximar da irreligiosidade que da fé judaica.

Assim sendo, as questões da polêmica entre Amato e Mattioli não devem nunca serem lidas fora do espectro semântico e contextual imposto pela controvérsia científica. Os ataques contra a confissão de Amato só podem ser compreendidos no interior da controvérsia e nunca fora dela.

Depois de desferidos os ataques às críticas feitas, Mattioli atacava outras interpretações de Amato em noventa e quatro simples. Estas críticas eram as 94 *censurae*³⁹. Neste momento da contenda, as críticas científicas

³⁷ “*Narrat vetusta gentilitas eos, qui se intulissent magnae Deae sacrificijs, confestim excoecari, quam quidem coecitatem illi non tam ad oculos, quam ad mentem referebant. At ego Amathe non te ideo coecum dico ductus hac gentilium superstitione, quod Cibeles alicuius te inserueris sacris, sed ea tantum ratione, ac sententia (ut tu ipse iam pridem in te experiris) quod à Deo immortalis perfidissimè desciscas. Etenim cum (ut audio) nunc nostrae religionis te ipsum facias, nunc Iudaicis legibus, superstitionibusque te totum addicas, & ita non solum in homines, sed in ipsum. Deum Optimum Maximum insolescas, minimè id est mirum, si à te ipso quoque deficias, & omni statu mentis dimovearis. Ut non modo in te nulla vigeat pietas, nulla religio, verum & in ipsa medica facultate, quam immerito profiteris, plurimum coecutias. [...] tua impietate in divina coecutis veritate, nunc nec alios, nec te ipsum in ipsa medica facultate intelligas*”: *Ib*.

³⁸ É importante lembrar que a filosofia do maior dos médicos antigos, Cláudio Galeno, repudiava uma leitura teológica da realidade. Galeno analisava o homem no interior de um saber fortemente materialista que havia deixado muitas margens para a defesa de uma teoria da alma humana mortal. Foi com base nestes pressupostos que Pietro Pomponazzi escreveu e publicou em 1516, o *Tractatus de immortalitate animae*, onde o seu principal adversário era a filosofia da alma do médico de Pérgamo. É bem provável que a retaliação de Pomponazzi se fizesse pela excessiva adoção das teses galênicas em matéria de alma pelos médicos do período.

³⁹ Os noventa e quatro simples em questão nas *censurae* eram: o *Acoro*, o *Cardamomo*, a *Nigella Citrina*, a *Melegheta*, a *Cubeba*, o *Carpesio*, a *Saliunca*, o *Cinnamomum*, a *Lacca Arabum*, o *Elaeomeli*, a *Erica*, a *Acacalis*, o *Palivrus*, o *Ribes*, a *Rosae Damascenae*, o *Palmae Involutrum*, a *Persea Arbor*, o *Fluviatiles Cancri*, o *Marinus Scorpio*, as *Ranae*, as *Gallinae*, o *Lac Scissile*, a *Olyra*, o *Chondrus*, o ***Phaseolus***, o *Lapathum* ou *Rumex*, a *Chondrylla*, o *Gingidium*, o *Scandix*, a *Hirci Barbula*, a *Smilax hortensis*, a *Thlaspi*, a *Zedoaria*, o *Struthium*, a *Cyclaminus altera*, o *Bulbus Esculentus*, a *Argemone Altera*, o *Telephium*, o *Agaricum*, o *Rhabarbarum*, o *Chamaleo Albus et Niger*, o *Crocodilium*, o *Poterium*, a *Leucacantha*, a *Cretense Dictaminum Alterum*, a *Calamintha*, o *Sampsuchus*, a *Ruta Sylestris*, o *Cuminum Sylvestre*, o *Coriandrum*, o *Petroselinum*, o *Elaphoboscum*, a *Collutea*, a *Sena*, o *Glaucium*, o *Alyssum*, o *Attractylis*, o *Teucrium*, o *Lychnis*, o *Martagum*, o *Trifolium*, a *Ambrosia*, o *Gnaphalium*, a *Oenanthe Herba*, o *Phyllum*, o *Horminum*, a *Gnosma*, o *Antyllis*, o *Lithospermum*, a *Alisma*, a *Britannica*, a *Altera Clematis*, a *Polemonia*, o *Lagopus*, o *Xyphium*, o *Gramen Harundinaceum*, o *Rubus Idaeus*, o *Chrysanthemum*, o *Astragalus*, o *Aconitum*, o *Colchicum*, o *Ephemerum*, o *Umbilicus Veneris*, o

transformavam-se em calúnias e a disputa científica transformava-se em censura: na narrativa do sienense a ortodoxia religiosa transforma-se numa arma contra o ímpeto de seus opositores científicos. Tudo isto se passava numa época onde o limite entre a filosofia e a religião era ainda bastante tênue e *sfumato*. E Amato Lusitano, além disso, nesta controvérsia, marcava o aspecto puramente laico do debate. Mattioli lançava mão de argumentos confessionais para sustentar suas teses. Isto ligava estreitamente o argumento de autoridade com uma mentalidade social regida pela pensamento religioso. É possível que quando Amato punha em caso as autoridades dos autores antigos, ele também machucasse aquela do autor do livro sagrado.

7. Após esta crítica pública contra a ciência e a confissão de Amato, crítica que se repetia a cada reedição dos *Commentarii* de Mattioli⁴⁰, o português se calou. Muito se questionou acerca do fato de Amato não ter respondido à *Apologia* de Mattioli, mas a resposta à crítica do sienense era dada, não pelo português, mas pelo alemão Melchior Wieland ou Melchior Guilandino (*Melchior Guilandinus*).

Guilandino publicava em 1558 uma resposta aberta às críticas proferidas por Mattioli contra livros de Amato e contra o modo de proceder do mestre Brasavola. O conteúdo do livro *Apologia adversus Petr. Andr. Matthaeolum*, livro raríssimo⁴¹, era provavelmente um ataque que não necessitava de nenhuma emenda ou reforço da parte do português. Muitas informações sobre esta controvérsia devem estar contidas nos epistolários de Mattioli e de Amato Lusitano, contudo até hoje nada se fez no intuito de compilá-los.

O impacto desta controvérsia podia ser visto com ressalva na cultura médica da época. Em 1650, vinha a lume uma obra que sintetizava todo o conhecimento botânico de então: o livro *Historia Plantarum Universalis* do médico suíço protestante Johann Bauhin.

Talictrum, o *Potamogetum*, a *Lotus Urbana*, o *Antirrhinum*, a *Polygala*, a *Ochra*, a *Melanteria*, o *Sory*, o *Auripigmentum* e o *Gagates*.

⁴⁰ Depois de 1562, data da segunda edição do *Apologia*, este pequeno opúsculo vinha sempre publicado em anexo nas reedições dos *Commentarii* de Mattioli. Estas reedições foram muitas, o que fazia desta polêmica uma controvérsia bastante conhecida entre os médicos e aqueles homens que se dedicavam ao estudo dos simples.

⁴¹ Pela raridade da obra, não pudemos dispor de nenhum exemplar para a consulta e o estudo. Eis a referência completa: Melchior GUILANDINUS, *Apologia adversus Petr. Andr. Matthaeolum, liber primus, qui inscribitur Theon.*, Pádova, G. Percacino, 1558. Sabemos contudo que há um exemplar na Biblioteca de ciências botânicas da Universidade de Florença, outro na Biblioteca do Horto botânico da Universidade de Padova, e outro na Biblioteca Lancisiana de Roma. Em 1576, Guilandino publicara também o livro *In C. Plinii Maioris capita aliquot, ut difficilima, ita pulcherrima, et utilissima commentarius, varia & non vulgari eruditione refertus: ubi Matheoli errores non pauci deteguntur*, Lausanne, Excudebat Franciscus le Preux, Illustris. Domin. Bernens. Typographus, no qual voltava às críticas contra o italiano.



Fig. 6. Frontispício do livro *Historia Plantarum Universalis*, publicado em 1650 na Suíça (Ebroduni).

No frontispício da obra, vinham dispostos, nas colunas laterais, os retratos de todos os médicos e botânicos os mais ilustres. Na parte baixa da coluna esquerda, um detalhe onde se viam os três médicos – Mattioli, Guilandino e Amato –, tendo abaixo deles, escrito numa faixa, o verbo latino

Dissentio, conjugado na primeira pessoa do plural do presente do indicativo: *dissentimus*, discordamos. O detalhe chamava atenção para a importância que a controvérsia tinha nestes debates e também para o fato de que o resultado da contenda havia sido a vitória de Pietro Andrea Mattioli. Isto se dava pelo fato de que, no detalhe, Mattioli vinha retratado com uma coroa de louros, que significava claramente a vitória que este havia tido, ou que Bauhin atribuía a ele, sobre os demais autores.



Fig. 7. Detalhe do retrato dos controversistas no frontispício do livro de Bauhin.

8. A análise de certos tópicos da controvérsia entre Pietro Andrea Mattioli e Amato Lusitano nos permite traçar contornos distintivos, mais ou menos precisos, do tipo de conhecimento que cada um destes intelectuais dispunha quando de seus estudos sobre a natureza, notadamente sobre os simples. Uma análise integral da controvérsia, indo desde o estudo integral do conteúdo dos *Discorsi* de Mattioli e das *Enarrationes* de Amato, passando pela análise da *Apologia adversus Amathum*, até chegar à *Apologia adversus Petr. Andr. Mattheolum* de Melchior Guilandino, elucidaria, com detalhe e precisão, um grande número de questões importantes acerca da cultura dos simples da época e do lugar desses atores neste debate.

Contudo, esta análise preliminar serve de esboço ou roteiro a uma análise mais acertada e detalhada. Assim, as conclusões aqui expostas possuem também esse caráter de serem preliminares, o que as torna passíveis de serem contestadas e superadas por estudos mais aprofundados.

Esta análise inicial nos permite, ainda que de maneira pouco detalhada, isolar duas epistemologias em questão. Pietro Andrea Mattioli, grande leitor dos textos antigos, baseava a sua leitura acerca das coisas da natureza em uma *leitura textual* da natureza. O que era percebido pelo sábio italiano fora dos livros tinha que achar um correspondente dentro dos mesmos. Se isto não ocorresse, ele descartava as informações, as quais só eram mantidas

no caso das descrições serem diminutas. Mattioli era daqueles para quem a biblioteca constituía-se num espaço privilegiado de saber. Se não houvessem livros, ele talvez considerasse impossível conhecer. A importância das obras de Mattioli para a cultura médica da época era enorme e a difusão de suas obras se dava de modo muito mais eficaz do que a das obras do português⁴².

Ainda que Dioscórides dissesse, como assinalamos no início, que o conhecimento era adquirido pela *observação direta*, pelos *relatos não discordantes* e pela *leitura de outros estudos*, o sienense dava pouca importância ao primeiro e ao segundo métodos. Dito isto, a filologia e a análise textual era a arma mais importante do arsenal deste italiano.

José Rodrigues Castelo Branco, o Amato Lusitano, por outro lado, dava maior importância às viagens e à observação direta das coisas. A *peregrinatio academica* era uma questão importante no pensamento deste médico: por exemplo, o hipocampo era definido por ele pela observação direta do animal e pela sua nomeação pelos pescadores de Ancona. Neste ponto, como nos outros, o papel cognitivo do texto escrito vinha posto em plano secundário, era a observação direta e o relato de pessoas, no caso de Amato, pessoas do povo, como as mulheres de Ancona que usavam as cinzas do hipocampo para aumentar a produção corporal de leite materno, que definia a relação entre palavras e coisas. Se Amato ia às palavras, como o italiano, ele sem dúvida também ia às coisas.

Assim, o local privilegiado de Amato era o *campo* e as *boticas*. O saber de Amato era obtido pela observação direta do livro do mundo e por aqueles que o haviam observado. Contudo, a *biblioteca* ainda possuía para ele um lugar de destaque: Amato Lusitano tirava o seu conhecimento de importantes conclusões tidas por certos médicos europeus. Amato era claramente um admirador do médico de Ferrara Antônio Musa Brasavola, aluno de Nicolau Leoniceno, para quem a autoridade dos antigos tinha um papel secundário e a observação direta e o conhecimento pelos relatos não discordantes eram o modo melhor de conhecer. Muito há a se compreender acerca deste médico e de sua importância para a cultura portuguesa.

O médico português defendia o saber e o conhecimento dos modernos e repudiava a autoridade dos antigos. O que marcava o pensamento de Amato não era, como se pregou até agora, um empirismo puro de sua parte, mas um comportamento intelectual que abria espaço para se levar em consideração não somente a observação direta das coisas, como também os relatos daqueles que empreendiam este tipo de observação diariamente⁴³. Um pen-

⁴² As publicações das obras de Mattioli foram para lá de muito mais numerosas do que as das obras de Amato: as *Enarrationes* tiveram somente três edições.

⁴³ Acreditamos que as conclusões a que chegara José Sebastião da Silva Dias são acertadas mas merecem algumas emendas. A mais importante é aquela de relacionar o pensamento de Amato com aquele de Mattioli, coisa totalmente errada, vistas as conclusões a que se chegou no estudo desta controvérsia. Eis a conclusão de Silva Dias: "Ressalta dos escritos de Amato Lusitano o esforço continuado – e, além de continuado, consciente de si mesmo – desenvolvido

samento que marcava, na querela entre antigos e modernos, a importância destes últimos para o saber e a adoção clara à *libertas philosophandi*.

pelo autor, para situar nas coisas, e não nos livros, a fonte primária do saber, no domínio da filosofia natural. Vemo-lo, tema a tema, comprovando, completando ou corrigindo o ensinamento das autoridades clássicas com a lição viva das observações modernas. Era esse, aliás, o caminho que estava a ser seguido contemporaneamente por Valerius Cordus, Lucca Ghini, Pier Andrea Mattioli [*isto não é verdade!*], Antônio Musa Brasavola, e vários outros. O desejo de ilustrar a letra dos textos com a imagem dos objetos, trouxe-os gradual e quase insensivelmente do humanismo ao naturalismo”: José Sebastião SILVA DIAS, *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p. 94. Se Amato aproximava-se de um *naturalismo*, as imagens abundantes nos livros de Mattioli, apesar da impressão dada, não atestavam essa posição, antes muito mais próxima do humanismo e da importância dada às autoridades.